

A tragédia brasileira

Fernando de Holanda Barbosa

Professor da EPGE Escola Brasileira de Economia e Finanças (FGV EPGE)

Em 2020 termina uma década perdida na economia brasileira, com a renda *per capita* inferior a que tínhamos em 2011, como mostra a tabela 1. Os dados desta tabela, em dólares de 2018, medidos em paridade de poder de compra (em inglês *purchasing power parity*), abrangem sete décadas, e descrevem a tragédia brasileira que começou na década de 80.

Renda per capita do Brasil

(Dólares de 2018, PPP)

Décadas	Renda per capita (US\$ 2018)
1951/1960	4.048/5.553
1961/1970	5.797/7.270
1971/1980	7.798/12.354
1981/1990	11.534/12.713
1991/2000	11.625/12.713
2001/2010	12.708/16.243
2011/2020*	16.740/16.324

Fonte: Conference Board. Nota: 2020* – previsão de crescimento do PIB: 2,5%; população: 0,6% e per capita: 1,9% (≡).

No período 1951/1980, de três décadas, a renda *per capita* brasileira multiplicou por 3, passando de 4.048 dólares para 12.354 dólares. Éramos um tigre asiático. Nas qua-

tro décadas do período 1981/2020 a renda *per capita* aumentou apenas um pouco mais de 40%, isto é, de 11.534 dólares para 16.324 dólares. O Brasil de tigre sofreu o efeito contágio e se “argentinizou”.

Na corrida do crescimento econômico cabe fazer uma distinção importante entre dois tipos de estagnação: a absoluta e a relativa. Na estagnação absoluta a referência é o próprio país, como na década 2011/2020, na qual andamos para trás. Na estagnação relativa a referência é o mundo. Para simplificar toma-se, em geral, os Estados Unidos, como referência.

A taxa de crescimento de longo prazo, tendencial, do PIB *per capita* norte-americano tem sido próxima de 2% ao ano. Portanto, um país cuja renda *per capita* cresce, em média, abaixo de 2% ao ano vai ficando cada vez mais distante da renda *per capita* dos Estados Unidos. O caso clássico de país que conseguiu essa proeza foi a Argentina, que desde meados do século passado de país rico tornou-se um país de classe média, sem nenhum sinal de mudança nos próximos anos. Caso continue com a mesma indisciplina macroeconômica será um país pobre no futuro próximo.

O Brasil entra 2020 com o pé direito, o risco país num patamar extremamente baixo, a bolsa de valores antecipando uma recuperação da economia, a taxa de desemprego diminuindo e a previsão de um crescimento do PIB em torno de 2,5%. A estagnação absoluta da década de 2011/2020 parece ter chegado ao fim. E a década de 2021/2030 como será?

A taxa de crescimento do produto potencial brasileiro está atualmente entre 2 e 3% ao ano. A população cresce a uma taxa de 0,6% ao ano. Com esses números a taxa de crescimento da renda *per capita* será um pouco maior do que a taxa média de crescimento da renda *per capita* americana de 2% ao ano. Isto significa dizer que existe uma grande chance de que 2012/2030 seja uma década de estagnação relativa. Conclusão: o copo está meio cheio e ao mesmo tempo meio vazio. O que fazer? O desafio da política econômica nos próximos meses é encher o copo. A aprovação das reformas é condição necessária. Todavia, ela não é suficiente. No curto prazo, para aumentar a taxa de crescimento do produto potencial é fundamental aumentar a taxa de poupança e de investimento da economia brasileira. ■